



OS RIDÍCULOS

Nº 231 - 3-4-75

DIRECTOR: SILVA NOBRE

PREÇO - 7550

NÃO HA DÚVIDA... QUE TENHO
DE FAZER
OVOS
BATIDOS!!...



IN CULTURA GERAL

Ora hoje vou-lhes ensinar a fazer um petisco que é de lamber os dedos.

E não custa caro, acrditem. Sim porque nesta altura em que toda a gente se queixa de que está tudo pela hora da morte, e eu acho que têm razão porque a gente vai à praça, vai ao talho, vai ao peixe, vai ao merceiro (ou à mulher da mercearia) vai a esses lados todos e fica maluco com os preços que pedem pela comida, porque a verdade é que já nem se pode dizer que é exploração deles, é que na verdade verdade está tudo caríssimo.

Por isso eu penso que poder vir aqui hoje dar-vos uma receita que é de lamber os dedos e sem gastar dinheiro tem um valor importantíssimo na vida das pessoas.

Claro que isto não se pode ensinar a toda a gente, senão toda a gente começava a abusar e a gente na rua conhecia logo quem é que tinha feito essa receita, porque vinham pela rua fora ainda a lamber os dedos, porque como eu vos disse esta receita é bestail.

E não é nada cara. Qualquer dona de casa com um conhecimento razoável da mais elementar cozinha a pode fazer, e portanto toda a família se pode regalar com ela.

Eu não sei se vocês são pessoas de muito alimento ou não, mas de qualquer forma, a receita serve

perfeitamente para todos, porque eu tenho a certeza que todos irão gostar imenso.

Ora muito bem. Vamos a isto que é para vocês não perderem mais tempo a arranjar as coisas, e vão ver que quando chegarem a casa e tiverem tudo pronto para o jantar (ah, e esquecia-me de dizer que é uma receita que

tanto serve para o almoço como para o jantar, porque calha bem num e noutro caso) quando tiverem tudo pronto para o jantar (vamos partir do princípio que vocês decidem fazer esta receita que é de lamber os dedos para o jantar) vocês mandam toda a família lavar as mãos, como mandam as regras da boa higiene e

podem mandá-los sentar à mesa.

Depois logo que todos estiverem sentados à mesa, vocês trazem uma tijelinha com água morna e poisam no meio da mesa. E delicadamente metem nela o indicador direito, dado uma volta da direita para a esquerda, que é o que está na moda.

Depois deixem cair o

primeiro pinguinho, e rapidamente lambem muito bem o dedo ainda humido.

Repetem a operação com os outros dedos, e de cada vez que molham um, lambem-no muito bem até ficar quase seco.

E aqui têm vocês como se pode arranjar uma receita fácil e barata que é de lamber os dedos.



CORAGEM FILHO!

**NO INFERNO DEVES TER
MUITOS AMIGOS DE QUEM
PODES MATAR/
SAUDADES!**



Pois meus amigos, o vosso mal é não se dedicar a fundo à ficção científica. Porque a gente por cá chama-lhe ficção científica, mas os americanos e os ingleses chamam-lhe simplesmente ciência de ficção, o que me parece mais justo.

Vocês não sabem as comunicações que todos os meses se têm que fazer à grande academia dos mestres da ficção científica, para registar em ciência o que antes era só ficção.

Vocês lembram-se: aquelas histórias todas do Júlio Verne: pois toda a gente no seu tempo e muito tempo depois fartavam-se de sorrir com superioridade e diziam assim: Mas que imaginação a podia ser possível! Claro que hoje os seus descendentes

deste homem! Se alguma vez isto torcem a orelha e não deita sangue, porque afinal toda a ficção do Júlio Verne acabou por se tornar em ciência...

Pois por cá também há muita gente inteligente (modéstia aparte, visto que eu também sou desses) que tem estudado a fundo os segredos insondáveis e incommensuráveis da ciência que não pode ser, para a transformar em ciência de sim senhor, e ponham isso no livro da terceira classe, porque já é científico.

Hoje, para vos completar a educação, vou-vos relatar em linhas gerais uma das mais recentes experiências que foram feitas em Portugal, pois que só por isso vai ser galardoado com o mais alto prémio das ciências esotéricas e abstrusais, e que se baseava no estudo das alterações da estatura humana.

Ora vocês todos sabem que o homem descende do macaco, e ainda há muitos por aí que não acabaram bem a descida. Mas isso não vem para o caso. O que interessa é que há homens muito grandes e homens muito mais pequenos. Até há anões. E há quem diga que até há pigmeus.



E entre os muito grandes há alguns que são verdadeiros gigantes, até lhes chamam os gigantes da indústria, do comércio e da finança.

Ora um grupo de sábios portugueses, dispostos a enriquecer a ficção científica com um trabalho notável, começaram a fazer experiências laboratoriais para ver se conseguiam adaptar os homens ao tamanho que mais conveniente fosse. E como é muito difícil meter adubo nos pés dos anões e dos pequeninos para eles crescerem, porque isso depois deles já serem adultos é muito difícil, começaram a operação inversa para ver se conseguiam reduzir a estatura dos grandes calmeirões.

Assim pegaram numa boa dúzia de exemplares do "homo bancarius capitalisteis vulgaris Lineus" que são dos que ultimamente tinham atingido maiores estaturas, e submetem-nos a diversos tratamentos.

Primeiro levaram um tratamento de choque com 25 gotas de extrato de Abril, e logo ali se notou na penumbra dos laboratórios que eles tinham ficado um bocadinho encolhidos. Mas isso não bastava, até porque muitos dos exemplares ainda começaram a produzir uma vasta composição molecular de expansão das reservas que faziam as suas grandes estaturas, e a desviar para outros seres da mesma família zoológica — o "grupus financiericus mastodonticus disfarçatus" essas mesmas reservas que eram afinal as causadoras do seu gigantismo.

Mas os sábios não eram trouxas nenhuns. Rapidamente inventaram um produto isolante, baseado no peróxido vermelho de de-mocratina, e besuntaram-nos de alto a baixo com ele.

O resultado foi espectacular! Atingidos em cheio por um jacto de nacionalizarina do tipo MFA forte, os exemplares em estudo começaram a encolher,

a mirrar, a mirrar, e até alguns a emigrar rapidamente.

Hoje a grande cientista portuguesa Josephus Povinaus pode orgulhar-se de poder comunicar à Academia da Ficção Científica que se encontra completamente sob controle no nosso país, o perigo dos crescimentos desmedidos dos "homo capitalistensis vulgaris", cortadas que lhe foram as hormonas que os faziam crescer tão desmesuradamente.



A GRANDE EXPERIÊNCIA



Crônicas medievais



EL-REI

— Vinde cá minha fiel Briolanja que vos contarei finalmente os segredos de estado que nos últimos tempos hei locubrado!

D. BRIOLANJA

— E deixai-me que vos diga que já não é sem tempo! Tendes andado para aí com segredinhos e conversinhas com a mania que ainda reinais como antigamente, e sem ligardes péva a mim e a vossa estremosa filha que afinal somos a vossa carne e o vosso sangue...

EL-REI

— Deixai-vos de fitas, que idade já tendes para ter juízo. Ficai sabendo que eu tenho hoje talvez mais prestígio do que quando andava a reinar...

D. BRIOLANJA

— A reinar andai-des vós! Mas dizeide lá então esses tais segredos de estado que tão ciosamente tendes guardado...

EL-REI

— Sabeide então que dentre tantas e tantas provas de dedicação que ultimamente tenho recebido de antigos nobres e gentis-homens do nosso antigo reino, continuo agora a manter secretíssimas conversações com um importante potentado que me fez saber muito, muito confidencialmente que pretende a minha colaboração para uma gigantesca obra que vão realizar e da qual pretendem que eu seja personagem principal!

D. BRIOLANJA

— Que dizeides, meu amado esposo? Será verdade? Não estareides com os copos?

EL-REI

— Não sejai-des abstrusa nas vossas soezes insinuações. Bem sabeides que embora eu goste de beber uns copitos de cachaça, não costumo perder a pinha. E até bem sabeides que o físico já me disse que a cachaça me faz bem...

O EMISSÁRIO DO P.P.D.A.

D. BRIOLANJA

— Faz-vos a penca encarnada...

EL-REI

— Pois até isso é bom. Conforme o representante do grande potentado com quem tenho mantido as conversações de que vos falei, o meu real semblante andava um pouco pálido e agora já anda com muito melhor aspecto com esse suave colorido...

D. BRIOLANJA

— Será assim. Mas dizeide-me primeiro que tudo: que potentado é esse com quem andai-des metido?

EL-REI

— Para vos ser completamente franco — e isto sem querer ofender o meu amigo chico — a sua verdadeira identidade ainda me não foi revelada. O seu representante, aquele com quem tenho falado, pediu para que ela se mantivesse secreta até ao fim das negociações, e apenas sei que é designada, como ora é costume fazer-se aos grandes grupos, por iniciais de letras. Trata-se ao que parece de qualquer organização designada por P.P.D.A.

D. BRIOLANJA

— Que coisa estranha essa de não darem nomes de gente às pessoas!

EL-REI

— Vós sois uma inculta arara! Não sabeides estão que nestas coisas importantes é sempre preciso manter um completo sigilo?

ANTOLOGIA

BOCAGE

COM HABITO DE FORA E DE CAPOTE,
O VARONA, TRATANTE SEM LIMITE,
DEIXANDO AS FRESCAS MARGENS DE ANFITRITE,
EM PRÁTICA FOI POR SUBTIL CALOTE.

AS COSTAS SÃO CAVERNAS DE UM PATACHO,
OS QUEIXOS SÃO OS GUELRAS DUM CACHUCHO;
TEM FIGURA DE MÁGICO, OU DE BRUXO,
NA CABEÇA MIOLOS LHE NÃO ACHO.

A RUA AUGUSTA CAMINHOU DE TROTE,
(PASSO QUE A VELHA IDADE NÃO PERMITE!)
E VENDO UM MERCADOR, TEVE APETITE
DE ENCONTRAR NELE CREDULO PECHOTE.

AFEXTA NO EXTERIOR SANTO DE NICHU,
POR DENTRO É MAIS SINISTRO DO QUE UM MOCHO
E A LOJA MAIS PEÇONHA DO QUE UM BICHO.

PEGA DO FARDO, AMIGOS ACOMETE,
EM RIFA O PÔE, UAMENTA-LHE O QUILATE,
PILHA O DINHEIRO, E FALTA AO QUE PROMETE.

ENTRA, CURVANDO O TRÊMULO GASNATE,
REQUER DE BAETÃO CÔVADOS SETE,
QUE O MERCADOR LHE FIA, ANOSO ORATE!



HUMORISTAS

NÃO HÁ DIREITO



Não há direito, não há direito, não há direito! Pronto! Já disse e torno a dizer. Isto é um abuso e uma pouca vergonha, porque até aqui as coisas estavam tão clarinhas em dia que levava lexívia, e a gente olhava para um monte de letras como aquelas que os oculistas têm nos consultórios para ver se a gente a distingue, e sabia logo a que partido pertencia.

Eram muitos? Pois prontos, eram muitos! Não eram partidos, eram estilhaçados, mas ninguém tinha nada com isso e a gente cá se governava.

Vocês nunca ouviram dizer que não há fome que dá em fartura? Pois era assim: A gente teve durante tantos e tantos anos um desgraçadinho dum partido que até ao fim de muitos anos pariu outro ainda mais enfestado, e já não queriam que agora que se pode partir tudo a malta não fizesse um partido em cada bairro? Eu cá fazia! E claro as letras lá os vão identificando, mas não fazia mal nenhum que os emblemas também fossem conhecidos. Mas qual! São uns invejosos!

Havia aquele o tal que tinha andado sempre pela mão de baixo a apanhar porrada de moio, mas que acho que tinha aquela foice no martelo porque muitas vezes quando os da pedesca quadrilha vinham para caçar um e chegavam tarde, encontravam os ombros e di-

ziam: Foi-se! E talvez foice por isso que a foice era tão importante ao partido. Só para chatear os braguilhas dos pides.

Mas depois... pronto. Depois veio o MRPP, puto regulia a arrear em todos, e quando viu que a coisa estava um bocado parada, foi-se a eles e deitou a pintar tudo quanto era paredes, e a dizer que aquilo não ficava assim e mais que torna e mais que deixa e continuou a martelar no assunto até toda a gente saber quem eles eram. Claro: o MRPP foi-se a isso e fartou-se de martelar no assunto: eu cá por mim acho que tinham por isso mesmo pleno direito ao uso do martelo e da foice.

Mas diz que não. Que essas ferramentas não. Então ou que constam eles ficaram com uma grande cabeça. Mais exactamente com cinco grandes cabeças. E não se chatearam muito. E tudo muita fixe.

Com os outros... Bom, o caso é mais chato. A FEC diz que não tem fé nenhuma em mudar o emblema, e que o que é bom é para se ver e para se usar e que quem não estiver bem que se mude, porque eles não mudam. Mas por outro lado a UDP é mais calma e diz que tá bem, que ferrentas há muitas, e que se calhar até vão adoptar a broca, que é também uma ferramenta muito incisiva.

Eu cá continuo a dizer

que não há direito. As pessoas escolhem um emblema, gostam dele, e depois vem logo dizer-lhes que o não podem usar. É chato! Como aquela do PS, que disse à FSP que baixasse o bracinho, porque o bracinho era deles. Eu acho que isso é uma grande espiga, para os mocos do FSP e se calhar eles são também da minha opinião, e até por isso deixaram ficar o braço no ar com uma grande espiga na mão, que é uma maneira muito delicada de dizerem como se sentem melindrados por lhes mandarem baixar o braço.

E o que ainda não percebi é o significado da chave. Bom aquilo é uma chave de porcas. E porcas podem originar uma boa cultura de sinuos. Talvez seja por isso. E que eu receei que se chagasse a formar um partido verdadeiramente popular com fumos de socialista e que também adoptasse o emblema do braço estendido e punho fechado: e como seria um partido do verdadeiro Zé Povinho, se alguém lhe fosse dizer que não podia usar aquele emblema, ele naturalmente olhava de lado e conservando aquele braço de punho fechado esticado no ar, podia bater com o outro braço horizontalmente nele, por alturas do antebraço, e então é que ficava mesmo um emblema popular cheio de tradicionalismo e de sabor. O diabo é alguém lembrar-se...



cont. da pág. 6

D. BRIOLANJA

— Se eu sou arara vós soides papagaio. Não percebo, se eles querem servir-se do vosso real prestígio, porque razão ainda estarão fazendo caixinha convosco a respeito de quem quer fazer essa revolução. . .

EL-REI

— Não vos abespinheides. Como vos disse, nas minhas primeiras entrevistas com o representante do P.P.D.A., apenas tratamos das linhas gerais do que eles pretendiam fazer, e pouco ou nada adiantamos, visto que eles necessitavam antes de mais nada de ter o seu acordo. Depois. . .

D. BRIOLANJA

— Depois, o quê?

EL-REI

— Depois penso que teriam ainda outros importantes personagens para contactar, e se todos dessem o seu acordo, ele iria tratar com os seus grandes dirigentes para depois vir então trazer a resposta definitiva. Grandes momentos estão prestes a ser vividos, minha boa esposa! Ficaide sabendo que o meu retrato na História ainda não está completo! Prestes novas pinceladas o enriquecerão!

D. BRIOLANJA

— Deixai-vos de peneiras! Afinal o que é que vós sabeides de concreto sobre esse tão importante projecto? Terão esses senhores desse potentado em mente restaurar-vos no poder?

EL-REI

— Outra coisa não será! Mas hoje tudo saberemos, porque espero prestes a chegada do seu representante que ora me dirá tudo, e levantará o véu de segredo que até hoje temos tido porque bem sabeides que as paredes têm ouvidos. . .

D. BRIOLANJA

— Pois que prestes venha, e ficaide sabendo que eu quero estar presente. Vós soides um pouco chalupa e podeides ser enganado se o não estiver presente para vos defender. . .

EL-REI

— Senhora, soides uma galinha choca a cacarejar! Mas fareide-vos a vontade. Olhaide que. . .

D. PAIO

— Vossa magestade permite que penetre?

EL-REI

— Entraide, entraide, D. Paio. Que me quereides?

D. PAIO

— Senhor, está lá fora aquele emissário. . .

EL-REI

— Podeides falar sem receio, D. Paio. A minha fiel esposa sabe tudo!

D. PAIO

— Pois ainda bem. É aquele emissário dos senhores magnates do P.P.D.A. que vos procura. . .

EL-REI

— Mandaide-o entrar, D. Paio, mandaide-o entrar! E ficaide também. Mas antes véde se encontrares a minha insignie filha D. Aldegundes, porque importa que todos ouçam os que esse emissário nos tem a dizer. . .

D. ALDEGUNDES

— Ah estaiades aqui papá! Está lá fora um barrigudo gentil-homem. . .

EL-REI

— Já o sabemos, minha amada filha. E ainda bem que viestes. D. Paio mandaide entrar o emissário do potentado P.P.D.A.!

D. PAIO

— Prestes vou, meu senhor!

EL-REI

— E agora ireides vós saber, minha fiel esposa e minha nobre filha, como o vosso chefe de real família é ainda uma poderosa carta para os grandes potantados!

D. PAIO

— O senhor D. Magalho de Lambreta, mui ilustre emissário do potentado P.P.D.A.!

EL-REI

— Entraide, senhor, entraide. Conheceis por certo a minha casa real. . .

D. MAGALHO

— Porcerto, magestade. Senhoras minhas. . . um vosso dedicado servidor!

EL-REI

— Então vindes aclarar a vossa proposta? Heis falado com os vossos chefes!

Em Marselha, cidade ribeirinha, porto de mar onde todos os dias desembarcam marujos de todas as nacionalidades tem como á natural uma intensa vida nocturna. E claro, nessa vida nocturna são principais personagens os marinheiros em terra e as profissionais da mais velha profissão do mundo.

Que andam por lá muito chateadas. E isto porque recentemente a policia marselhesa, num assomo de puritanismo decidiu proceder ao encerramento das "casas" que ao que parece eram muito afreguesadas.

O que deu em resultado que há duas semanas atrás houvesse na típica cidade porto do Mediterrâneo uma monstruosa manifestação das principais interessadas, exigindo a liberalização da sua (delas) profissão.

Segundos os jornais as manifestantes fizeram um chifrinr danado e para que a-manifestação não fosse silenciosa, levavam painelas e batiam com elas onde calhava — até nos policías, naturalmente a sugerir que essa coisa de painelas podia significar muita coisa, e naturalmente os policías não gostaram. Por isso muitas das "paneleiras" (salvo seja) foram presas.

Os israelitas descobriram um processo para utilizar pombos correios como espíões. Os passarinhos levam câmaras fotograficas miniatura, e tiram retratos a determinados objectivos de interesse militar para que foram treinados: comboios de viaturas, baterias anti-aéreas, e coisas assim.

Agora só falta os árabes criarem uma brigada de caçadores de escopeta em punho prontos a irem á caça quando virem um pombos. Se tiverem máquina fotografica, apanharam um espíão. Se não tiverem, serve para o jantar.



O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração e composição
R. Conde Redondo n.º 12-2º LISBOA
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR
REGIMPRESA
AV. D. JOSÉ I, LOTE 12
REBOLEIRA — LISBOA

PARACE IMPOSSIVEL

Vocês já sabem que eu conto com o calor humano em torno com certas coisas. que eu sei pôr nas minhas descrições, as pessoas começarem a contar com o calor humano para a dizer que não pode ser que fosse com elas diziam e aconteciam e no fim eu acabo por perceber que o calor humano que eu puz nas minhas descrições foi só para evitar que as

possos ficassem a tremer de frio, e acabam por me chamar burro.

Orá isto ainda aconteceu na semana passada quando eu tive uma reunião de trabalho com os pendurás lá da minha rua e lhes disse que essa história do petróleo era um grande grupo.

Claro que houve logo um gajo que disse que não era não senhor, que quem tinha razão era uns gajos estrangeiros que andavam a estragar o negócio à gente. Ora eu sei muito bem que o que ele queria dizer era que o petróleo estava caro porque o gajo da tascas com quem ele anda béra e que é galego, já não lhe fiava mais nada, porque ele ainda nem tinha pago os caracos que tinha lá estado a petisar no S. Martinho. E claro que eu logo lhe disse que o gajo era burro porque eu sei muito bem donde é que vem o petróleo, que não é nada disso de gajos de tascas nem gajos galegos. Isso é ar-raia miúda. Os gajos que fazem o petróleo caro são uns chinês que moram no deserto do Sará — ou não será — ainda não se sabe bem, e que um dia quando iam para um piquenique na Cruz Quebrada descobrimos que os camelos da caravana tinham mijado em cima do farnel. E um deles que era muito bruto começou a gritar sua besta, seu camelo! O outro chinês que tinha pelinhos na venta e julgou que a coisa era com ele não esteve com meias medidas e agreeu-o com as varetas do guarda chuva, que por acaso estava a fazer nessa altura serviço de guarda só porque como vocês sabem nos desertos, sempre que não chove e não faz frio, há um calor dos diabos e para agravar a situação nem há gajos dos gelados nem nada. Ora o que sucedeu depois foi que os dois gajos ficaram em estado comatoso pela porrada mútua que tiveram o trabalho de arriar um no outro reciprocamente e os camelos (as coisas) que levavam as coisas) acharam melhor pôr-se a ca-

var enquanto era tempo. Claro que tiveram um trabalho porque não tinham trazido pás, e vocês sabem muito bem que cavar na areia é bestialmente difícil. Ao fim de meia hora ainda não tinham cavado quase nada e entretanto os chinês pararam de dar porrada um ao outro e começaram a nos camelos que só então é que deixaram de cavar. Mas nessa altura as covas que eles tinham cavado pareceram ficar cheias dum líquido escuro e mal cheiroso. Talvez fosse o mijo do camelo, talvez não fosse, pelo sim e pelo não um dos chinês acendeu um fósforo para ver melhor, e aquela merda toda começou a arder como o raio. Então aí eles descobriram que era petróleo.

Um deles deu logo ao interruptor para não se estar a gastar tanto, e começaram a encher os alforjes com o petróleo que no dia seguinte foram vender a uma terra chamada Bagdad. Como ninguém lá tinha petróleo e ele (o chinês) começou a pedir um dinheiro pelo que levava todos lhe chamaram ladrão (e daí vem a história do ladrão de Bagdad, que era este chinês) mas mesmo assim ele lá se foi governando. E como os gajos são bestialmente cuidadosos para que ninguém descubra onde é que nasce o petróleo, os compradores fartam-se de os lixar sempre que podem e fartam-se de lhes esconder os chinelos, cuspir-lhes na sopa, puxar-lhes a fralda, enfim, uma data de judiarias, e é por isso é que começou esse conflito entre eles e como os outros lhe faziam judiarias eles chamam-lhes judeus e dizem que não lhes vendem o petróleo por preço nenhum. E depois não me venham cá dizer que sabem coisas, porque quem sabe sou eu.

O EMISSARIO DO P.P.D.A.

cont. da pág. 10

D. MAGALHO

— Sabeis que sim, Magestade. Tudo se apresta para que lancemos ao mundo inteiro uma verdadeira revolução na qual vos teredes o principal papel!

EL-REI

— Ah, que já sinto ferver-me nas veias o meu sangue de velho marinheiro e astuto lobo do mar! E haveis falado com os outros intervinientes?

D. MAGALHO

— Com todos, magestade. Todos estão prontos a lançar-se nesta maravilhosa aventural

EL-REI

— E o vosso potentado estará devidamente equipadoo? Por certo nos não agrada lançarmos numa aventura que venha depois a fracassar por causa da falta de meios ou de material. . .

D. MAGALHO

— Temos tudo, magestade, não vos acagaceideis. Bem sabeis que a nossa reserva está nas potentosas riquezas do Novo Mundo. . .

EL-REI

— Assim o calculava. E quando iniciamos o golpe?

D. MAGALHO

— Muito prestes. Faremos aqui os primeiros tiros. . .

D. BRIOLANJA

— Ai credo, que já estou toda a tremer! E não haverá muitos mortos e feridos?

D. MAGALHO

— Mortos e feridos? Mas porquê?

ALDEGUNDES

— Pois se haverá aqui tiros. . .

D. MAGALHO

— Ninguém ficará ferido, senhoras minhas. Como sabeis a obra que vamos realizar irá ter repercussões no mundo inteiro. E vós, magestade, ficareis célebre!

EL-REI

— Pois que assim seja! Quando nos lançaremos ao ataque?

D. MAGALHO

— Temos já o acordo dos outros dois personagens principais. . .

EL-REI

— Os outros dois personagens principais? Sempre pensei que seria apenas eu o principal personagem. . .

D. MAGALHO

— Pois soideis! Mas bem vedes esta é a grande oportunidade, agora que temos reunidos no mesmo reino os três grandes pontos mundialmente conhecidos. . .

EL-REI

— Ah, quebeis dizer que nessa grande aventura estrairão também o meu antigo secretário e aquele cabo de guerra que eu cabo do meu reino?

D. MAGALHO

— Esses mesmos. Bem vedes: esta grande aventura vai ser filmada em capitulo colorido. . .

D. BRIOLANJA

— Ai que lindo!

D. MAGALHO

— E temos até já escolhido o seu título: será "NÓS SOMOS OS TRÉS DA VIDA AIRADA QUE FICARAM COM A VIDA LIXADA". . .

EL-REI

— Mas. . . então esse vosso potentado. . . P.P.D.A. . . o que pretende fazer?

D. MAGALHO

— Pois ainda não sabeis? O P.P.D.A. é a grande companhia de animatógrafo PRODUÇÕES PIROLITO de DESENHOS ANIMADOS. E vós ides servir de modelos para um filme cômico de grande metragem. . .





ENTREVISTA



O TIO ZÉ C'ROA



ENTREVISTA



Ora eu esta semana estava mesmo à rasquinha para arrancar alguém para entrevistar. Claro que vocês já se acostumaram a mim o ti Zé C'roa, e palavra de honra que fiquei banzado!

Claro que vocês não o conhecem, porque não vivem assim em bairros finos como eu, mas mesmo que o tivesssem conhecido, desta vez até julgavam que era outra pessoa.

Porque o ti Zé C'roa devia e deve o seu nome ao facto de ser um dos mais antigos pedintes da minha rua. Vocês sabem, ali mesmo ao lado da tasca do Zeferino, e paredes meias com a outra capelinha. E o ti Zé C'roa sempre ali tem estado — eu vivo aqui há um ror d'anos e sempre ali o conheci — encostado à parede ou então sentado num banquinho tão velho como ele, a pedir esmola, na sua cantilina habitual: — Dêem uma c'roa ao ti Zé!

Claro que toda a gente sabia que o ti Zé não alimentava ideias monarquicas e porquanto não estaria a preparar nenhuma candidatura para ocupar um trono, e que o que ele queria era uma moedita de cinquenta centavos,

ninguém pode esperar. E ia eu pela minha rua abaixo a ruminar (salvo seja) neste momento problema, quando passou por mim o ti Zé C'roa, e palavra de honra que fiquei banzado!

Claro que vocês não o conhecem, porque não vivem assim em bairros finos como eu, mas mesmo que o tivesssem conhecido, desta vez até julgavam que era outra pessoa.

Porque o ti Zé C'roa devia e deve o seu nome ao facto de ser um dos mais antigos pedintes da minha rua. Vocês sabem, ali mesmo ao lado da tasca do Zeferino, e paredes meias com a outra capelinha. E o ti Zé C'roa sempre ali tem estado — eu vivo aqui há um ror d'anos e sempre ali o conheci — encostado à parede ou então sentado num banquinho tão velho como ele, a pedir esmola, na sua cantilina habitual: — Dêem uma c'roa ao ti Zé!

Claro que toda a gente sabia que o ti Zé não alimentava ideias monarquicas e porquanto não estaria a preparar nenhuma candidatura para ocupar um trono, e que o que ele queria era uma moedita de cinquenta centavos,

para dar de beber à dor. E a gente do bairro sempre lhe ia dando qual-quer coisa, e as botas que entravam na capela já lhe davam uns tostões, e os devotos que entravam para a tasca também nunca deixavam de lhe dar para um copito.

Pois hoje o ti Zé C'roa lá ia muito direito, com um fato cinzento de espinha de peixe (agora que o peixe anda pela hora da morte) e de barba feita, e tudo.

Não me contive: — O ti Zé C'roa!

O ti Zé olhou para mim, deve-se um momento, e ia para seguir o seu caminho sem me ligar meia, quando se calhar se lembrou que eu era dos que mais c'roas lhe costumava dar e sempre se resolveu a responder-me: — Desculpe, mas o meu nome é José Fernandes de Brito e Costa Menezes Falcão!

— O quê? Mas então o senhor...? — Ah lá isso sou. Foi um parto perfeiíssimo. — Pois. O senhor que é uma pessoa de boas famílias e de meios... — E como diz. O que tem isso? — O que tem isso, pergunto eu! Então o senhor tinha essa situação e pas-

são sempre vaidosas. Ora o senhor tem hoje em mim um exemplo de que a modéstia foi sempre a minha mais conspicua virtude... — Ah, lá isso... — Pois é. Lá isso. O senhor não fazia ideia que eu fosse uma pessoa importante, pois não? — Bom, o que eu queria dizer... — Os senhores querem sempre dizer coisas, é o que eu digo. Não procuram chegar ao âmago das questões... — Mas diga-me cá, senhor José... — Fernandes de Brito e Costa Menezes Falcão! — Isso! Era ou não era o senhor que costumava estar sempre ali à esquina da capela e da tasca do Zeferino?

— Pois evidentemente que era! E depois? — Depois, não! Antes! Então o senhor, que pelos vistos é uma pessoa bem nascida... — Ah lá isso sou. Foi um parto perfeiíssimo. — Pois. O senhor que é uma pessoa de boas famílias e de meios... — E como diz. O que tem isso? — O que tem isso, pergunto eu! Então o senhor tinha essa situação e pas-

são sempre vaidosas. Ora o senhor tem hoje em mim um exemplo de que a modéstia foi sempre a minha mais conspicua virtude... — Ah, lá isso... — Pois é. Lá isso. O senhor não fazia ideia que eu fosse uma pessoa importante, pois não? — Bom, o que eu queria dizer... — Os senhores querem sempre dizer coisas, é o que eu digo. Não procuram chegar ao âmago das questões... — Mas diga-me cá, senhor José... — Fernandes de Brito e Costa Menezes Falcão! — Isso! Era ou não era o senhor que costumava estar sempre ali à esquina da capela e da tasca do Zeferino?

— Pois evidentemente que era! E depois? — Depois, não! Antes! Então o senhor, que pelos vistos é uma pessoa bem nascida... — Ah lá isso sou. Foi um parto perfeiíssimo. — Pois. O senhor que é uma pessoa de boas famílias e de meios... — E como diz. O que tem isso? — O que tem isso, pergunto eu! Então o senhor tinha essa situação e pas-

sava tanto tempo ali a pedir que lhe dessem uma coroa? — Pois claro! É um disparate pensar que o dinheiro nasce em casa ao canto duma gaveta. A gente tem que fazer alguma coisa de útil e construtivo na vida se quiser manter o seu nível de vida!

Ah, então quer dizer que a sua fortuna foi feita assim à c'roa ali à porta da tasca do Zeferino? — Pois foi. E que tem isso? Nunca roubei nada a ninguém. Pedia e as pessoas davam-me. Como sou pessoa de poucos gastos, cá fui acumulando a minha fortunazinha, já que o meu pai a tinha deixada bastante abalada por causa duma bailarina que lhe deu volta ao miolo e a outras coisas mais... — Bom, assim já percebe! Mas então, porque foi que hoje se vestiu assim? Vai a alguma festa especial? — Não. Abandonei simplesmente o meu lugar. — Essa agora! Então de repente... Decidiu-se a gozar a vida, não foi? — Não senhor. Já lhe disse que sou uma pessoa de gostos muito conserva-

dores. O que aconteceu... — O que foi? — É que considerava a minha situação financeira, fui nacionalizado...



ORA CONTE-NOS...

SABE O QUE

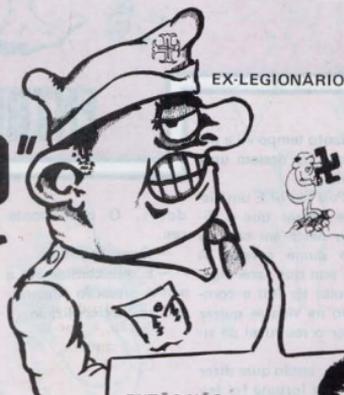
É O

"E.L.P."

?



CAPITALISTA



EX-LEGIONÁRIO

NÃO SEI LÁ MUITO BEM, MAS A GENTE TEM QUE FAZER ALGUMA COISA A BEM DA PÁTRIA.

ENTÃO NÃO HAVIA DE SABER... É. L. P.!!!



DONA DE CASA

ESTÁ-ME A PARECER QUE O ROLO DA MASSA VAI DEIXAR DE SER EXCLUSIVO DO MEU ILÍDIO.



CAMPONES

E.L.P. DEVE QUERER DIZER: ELES LIXAM O POVO OU ELES LEVAM PORRADA! QUE É A MESMA COISA.



REVOLUCIONÁRIO

SÃO UNS BRINCAHÕES! E.L.P. DEVE QUERER DIZER EMPRESA DOS LARÁPIOS DO POVO





Se Portugal é um dos países onde morrem mais peões, porque não deixamos de andar a pé?

Porque será que tantos geradores de causas se admiram tanto dos efeitos?

Um burro pode comer palha toda a vida por gostar ou por não lhe darem outra coisa?

Se as mulheres fazem os homens perder a cabeça, porque é que ainda há homens com ela?

Se ninguém gosta de ir a certos lados, porque se mandam lá tanta gente?

Se todos se podem dar bem, porque é que tantos se dão tão mal?

Só os peixes grandes é que gostam de carne ou os peixinhos também?

As mulheres vivem para falar ou falam para vier?

Vale mais sê-lo que parecê-lo ou vale mais parecê-lo que sê-lo?

Se deus é grande porque fez os homens tão pequenos?

Só os grandes é que são culpados de tudo que de mal acontece?



E na escuridão da sala obscurificada por uma obscuridade bastante obscura a mesa pé-de-galo deu uns saltinhos primeiro a medo, depois quando os invocadores de mãos dadas e tremendo de antecipação esperavam que se acalmasse a mesa deu um salto quase até ao teto e caiu com um estardalhaço de quarenta mil diabos. E uma voz trovante saiu do nada reboando pela sala obscurificada por uma obscuridade bastante obscura:

— Não, não é não! Não aceitei mais imposições! NAAAAAAAÁÁÁÁ!

O tremor das pessoas atingiu o grau três da escala internacional do caçapo. O medium atreveu-se a interperlar:

— Ó estranho ser que das estranhas do Além vens até nós! Perdoa termos perturbado o teu sono! E manifesta-te perante nós!

— Chiça, que é demais! Já escavaquei essa mesa e sou capaz de vos esfolar a todos vós sem piscar um olho! Tinha eu acabado de tomar um comprimido para descansar e vindes vós com essas catilenas acordar-me?

— Perdoa grande espírito! Quem és tu?

— Eu sou Hercules, o

terrível! Eu sou Hercules ou destemido! Eu sou Hercules, o brutamontes!

— Oh Hercules! Diga-te perdoar a nossa ignorância! Mas porque estás assim tão bera?

— Então vocês aí com o cu nas almofadinhas acham que eu não tenho razão para estar chateado?

Eu tenho sido sempre um bonzão, e por isso é que abusam de mim! Acaso saibéis o que tem sido a minha desprotegida sorte?

— Bom, assim por alto... sabemos que és muito forte...

— Muito forte? Arre que vocês lá no vosso tempo são modestos! É só isso? Então um gajo faz doze trabalhos portentosos, daqueles que ninguém sonhava ser possível fazer-se, e vocês só sabem dizer que sou forte?

— Bom, nós já ouvimos falar nesses trabalhos...

— Ouviram falar, mas não sabem! Ora oiçam lá: seus artolas de meia leca: eu afoguei o leão de Nemeia, que não tem nada que ver com o do Sporting, porque eu até nem sou do Benfica: matei a hidra de Lerna, e como

vocês não sabem o que é uma hidra, até podem pensar que eu usei qualquer mata-moscas vulgar;

cecei vivo o javali de Erimanto, e olhem que o gajo fartou-se de esperar; bati em velocidade a corça dos pés de bronze, e estive vai não vai para concorrer às Olimpíadas nos cem metros barreira, o que não fiz porque ainda não havia Olimpíadas; matei as aves do lago qualquer coisa e fiz uma pega de caras a um touro que ao pé dele os Miuras eram cordeirinhos. E muitos outros trabalhos, que me deram fama e celebridade. Só o que me lixou...

— O que foi?

— Foi ter morrido por causa dum mulher. E nesse tempo ainda valia a pena: Agora nos tempos desgraçados em que vocês vivem, podem matar-se a fazer trabalhos, que no fim, fiquem sabendo aparece sempre uma mulher que vos lixa... lixa... lixa...

Perdeu-se o contrato com a voz do Além. E como na sala havia quatro mulheres, ainda hoje estou convencido que foi uma delas que lixou o pobre do Hercules...



SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)
TEL. 5624-11/10 LINHAS



MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"